

“AVALIAÇÃO DA PESQUISA EM REDE DE COLABORAÇÃO: UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO ”

MARIA LUCIA INDJAIAN
Universidade Presbiteriana Mackenzie
maluig@uol.com.br

RESUMO

A internacionalização na pós-graduação é uma ação presente nas instituições de ensino superior desde a Idade Média quando estudantes de diferentes regiões se reuniam para discutir assuntos de interesse comum. Gradativamente, novas formas de cooperação internacional surgem e, entre elas, a pesquisa em rede de colaboração. Esse estudo, de natureza exploratória e qualitativa, tem como objetivo apresentar uma visão sobre a avaliação da pesquisa em rede de colaboração internacional na pós-graduação *stricto sensu* no Brasil a partir do final dos anos de 1990. Como procedimentos metodológicos realizou uma revisão da literatura e análise documental dos Documentos de Avaliação da Área de Ciências Sociais Aplicadas utilizados na última Avaliação Trienal CAPES de 2013. O trabalho identificou que a avaliação da pesquisa em rede de colaboração é um campo em construção onde se encontram diferentes percepções e conceituações sobre a internacionalização e a pesquisa em rede de colaboração e que ainda não dispõe de uma metodologia para avaliar as redes de colaboração internacional.

Palavras chave: internacionalização na pós-graduação; pesquisa em redes de colaboração; educação superior; CAPES.

1. INTRODUÇÃO

2. A internacionalização na educação superior, entendida enquanto atividades de cooperação e colaboração internacional, está presente na educação superior desde a Idade Média quando estudantes de diversas regiões do mundo se reuniam de maneira autônoma em instituições de ensino superior, para discutir e aprofundar assuntos de interesse comum.(MIURA, 2009; MOROSINI, 2006; RANIERI, 2004; LIMA, 2002). Gradativamente, especialmente no contexto da globalização e das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, novas formas de cooperação e colaboração ganham sentido e significado tendo como referência os interesses dos diferentes apoiadores dessas práticas, entre os quais: os organismos internacionais; os governos; as instituições de ensino superior; os programas e cursos; a comunidade acadêmica e científica, os institutos e centros de pesquisa e as associações profissionais.
3. .A revisão na literatura permitiu identificar um conjunto de termos, utilizados para referir-se às práticas, ações e sistemas de colaboração internacional na educação superior, nem sempre definidos com clareza e, em alguns casos , atribuídos a práticas distintas, o que evidencia necessidade de se contextualizar o sentido e o significado das diferentes ações e atividades.Entre os principais termos se destacam: mobilidade acadêmica; mobilidade discente; mobilidade docente; associações internacionais para novos programas acadêmicos; cooperação internacional horizontal; cooperação internacional vertical; internacionalização ativa; internacionalização passiva; dimensão internacional; atividades transnacionais; projetos de desenvolvimento internacional; planos de estudos interculturais e mundiais; atividades transnacionais; intercâmbios; sociedades internacionais; transnacionalização; projetos de desenvolvimento internacional; colaboração institucional madura; parceria horizontal; colaboração simétrica; colaboração acadêmica; colaboração científica e tecnológica ; pesquisa em rede; pesquisa internacional e estágio pós-doutoral (ALTBACH; CAVALEIRO, 2007; MOROSINI, 2006; 2011; LIMA; MARANHÃO, 2009; VANZ, 2009; DRIDIKSSON, 2008. KNIGHT, 2005; STALLIVIERI, 2004)
4. No Brasil, novas formas de cooperação internacional, como a pesquisa em rede de colaboração , passam a ser induzidas nos programas de pós-graduação que oferecem cursos de doutorado, a partir dos anos de 1990, através da política de educação superior , em especial através da Sistemática da Avaliação Trienal CAPES , implantada em 1998, que entre outras modificações, institui a internacionalização como um indicador da qualidade dos programas de pós-graduação *stricto sensu* que oferecem cursos de doutorado.
5. Embora essa avaliação já esteja consolidada e ocorra de maneira sistemática há praticamente 20 anos, ela pouco nos diz sobre como se estabelecem as redes de pesquisa em colaboração internacional nas áreas de conhecimento; quais as relações e interações que se estabelecem no interior das redes; quem são os atores da rede; com quais países, instituições, grupos de pesquisa e pesquisadores as diferentes interações se estabelecem; qual a intensidade e a centralidade dessa colaboração; quais os produtos ou serviços que essa colaboração gera; como os mesmos são disseminados e divulgados e quais os seus possíveis efeitos ou impactos para o desenvolvimento científico, tecnológico, econômico e social dos países envolvidos.
6. Assim, como nos diz Leite (2014 a, p. 292): “Ainda não temos uma política pública de avaliação que dê conta do trabalho em pesquisa em redes de colaboração, não são escrutinadas as formas de atuação, relações e interações dentro dos grupos de investigação.”
7. Do mesmo modo ainda não temos uma metodologia para avaliar a pesquisa em redes de colaboração, conforme o enfatizado no Documento de Avaliação dos Programas de

Administração, Ciências Contábeis e Turismo da última Avaliação Trienal realizada pela CAPES em 2013, destacava que: a metodologia para avaliar a internacionalização de um grupo de pesquisa era ainda incipiente ; que outros indicadores têm sido utilizados na avaliação dessa atividade e a importância do estudo sobre redes de colaboração. “A maneira mais objetiva para avaliar a internacionalização de um grupo seria ter dados sobre redes mundiais de pesquisa e com isso avaliar a intensidade e a centralidade dos programas nesta rede.” (CAPES)

8. Por outro lado, os estudos sobre redes de pesquisa e colaboração são ainda restritos tanto no âmbito internacional quanto nacional, conforme destacam Leite et.al. (2014) e Silva et. al, (2006).
9. O levantamento bibliográfico realizado junto às bases de dados da Scielo e CAPES, sobre a pesquisa em redes de colaboração no Brasil, evidenciou que são praticamente inexistentes estudos teóricos e pesquisas aplicadas sobre o tema de pesquisa em rede de colaboração nas diferentes áreas e subáreas de conhecimento que compõem o SNPG. Do mesmo modo, são poucos os grupos de pesquisa brasileiros que tem o tema como objeto de estudo. A consulta realizada no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq, que utilizou como palavras-chave os buscadores “análise de redes sociais,” “redes de colaboração na pesquisa” ;” análise de redes de pesquisa ” e “redes de pesquisa” , identificou 29 grupos para análise de redes sociais , 16 grupos para redes de pesquisa , 1 grupo para análise de redes de pesquisa e nenhum grupo para redes de colaboração na pesquisa.
10. O tema é de fundamental importância para o desenvolvimento científico e tecnológico da ciência mundial e para diminuir a disparidade que separa os países desenvolvidos dos em desenvolvimento, como já destacava a UNESCO em 1998.
11. Entende-se que a internacionalização na pesquisa e a avaliação da pesquisa em rede de colaboração internacional na pós-graduação *stricto sensu* no Brasil é um campo de estudos recente e em construção , com literatura escassa tanto no tocante ao sentido e significado atribuído às atividades e ações praticadas em colaboração internacional quanto em termos de critérios, indicadores de qualidade e metodologias de análise para a sua avaliação , o que indica a necessidade de se estabelecer uma agenda de estudos e pesquisas teóricas e aplicadas contemplando não só as diferentes formas de cooperação internacional quanto os seus apoiadores e os principais atores : instituições de ensino superior ; grupos de pesquisa; programas e cursos; pesquisadores; docentes e alunos.
12. Este estudo é de natureza exploratória e qualitativa e faz parte do *Projeto Internacionalização na Pesquisa no Brasil : um estudo sobre a pesquisa em rede na pós-graduação stricto sensu na Área de Ciências Sociais Aplicadas*, em elaboração, e tem como objetivo apresentar uma visão sobre como se dá a avaliação da pesquisa em rede de colaboração internacional na pós-graduação *stricto sensu* no Brasil a partir do final dos anos de 1990, quando a internacionalização passa a ser um indicador de qualidade dos programas que oferecem cursos de doutorado.
13. Para tanto realizou uma revisão na bibliografia sobre o tema e analisou os Documentos de Avaliação dos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Área de Ciências Sociais Aplicadas utilizados na última Avaliação Trienal CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), realizada em 2013.
14. O momento se mostra particularmente oportuno para a discussão do tema pois vem de encontro com as estratégias do Plano Nacional de Educação (2014-2014) e com as ações da CAPES voltadas para a internacionalização da pesquisa. O Plano Nacional de Educação estabelece como uma de suas estratégias “consolidar programas, projetos e ações que objetivem a internacionalização da pesquisa e da pós-graduação brasileiras,

incentivando a atuação em rede e o fortalecimento de grupos de pesquisa.” Já a CAPES pretende lançar no segundo semestre de 2017 um Edital tendo como foco programas de internacionalização de universidades brasileiras, tendo em vista que a maior parte dos recursos hoje disponibilizados não prioriza as instituições, mas apenas pesquisadores e grupos de pesquisadores, e que 64% dos pesquisadores brasileiros atuantes em programas de pós-graduação *stricto sensu* no país não possuem qualquer experiência no exterior como destacou Abílio Baeta Neves, presidente da CAPES, em recente evento da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. (CAPES)

15. Acredita-se que o estudo poderá contribuir, ainda que parcialmente, para reflexões sobre a internacionalização e a avaliação da pesquisa em rede de colaboração no Brasil, especialmente no âmbito das políticas públicas de avaliação da pós-graduação, das ações de fomento a pesquisa e à formação de pesquisadores, dos grupos de pesquisa e dos pesquisadores e no âmbito das políticas de internacionalização das instituições de ensino superior.
16. O texto foi estruturado em cinco seções além desta introdução. Na primeira contextualiza-se a internacionalização na pós-graduação como campo de estudo. Na segunda destaca-se a internacionalização como indicador da qualidade na pós-graduação *stricto sensu* a partir dos anos de 1990. Na terceira, a utilização da Análise de Redes Sociais (ARS) como um recurso metodológico para avaliar a internacionalização da pesquisa em rede de colaboração. Na quarta apresentam-se os procedimentos metodológicos adotados e na sequência os resultados obtidos e as considerações finais.

17. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

18. A INTERNACIONALIZAÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO COMO CAMPO DE ESTUDO

19.

20. A internacionalização na pós-graduação *stricto sensu* no Brasil é entendida como um campo social onde atuam diferentes instituições, indivíduos e organismos nacionais e internacionais, que dominam esse campo e têm interesses distintos, expressam as forças desse campo e reproduzem ou difundem a arte, a literatura e a ciência. Embora esse campo esteja submetido às leis sociais gerais, tem suas leis específicas e autonomia para dispor de autoridade científica. (BOURDIEU, 1998, 2003).
21. Assim, para se entender como ocorre o processo de internacionalização na pesquisa na pós-graduação *stricto sensu* no Brasil a partir dos anos de 1990, há que se considerar um conjunto de fatores.
22. Para os fins dessa reflexão entende-se que a internacionalização, a exemplo dos que nos diz Knigh (2005), é um processo que integra uma dimensão internacional, intercultural e mundial aos objetivos e finalidades do ensino superior e contempla os níveis institucional e nacional e setorial. O nível nacional pode incluir diferentes entidades governamentais e ONGs e o setorial contempla programas de educação nacional. Já o nível institucional individual refere-se ao conjunto de estratégias e atividades. Embora os níveis nacional e setorial tenham grande influência na internacionalização da educação superior através de políticas, recursos, programas e da regulação é o nível institucional que revela como ocorre o verdadeiro processo de internacionalização.
23. A análise da internacionalização deve, portanto, considerar esses níveis e utilizar um método que contemple a relação entre eles. Assim, há que se considerar o conjunto de mecanismos, estratégias e aspectos legais que são incentivados por diferentes ações, programas e agentes sociais internos e externos, que juntos, irão, induzir o processo

de internacionalização dessa modalidade de ensino no Brasil a partir dos anos de 1990, entre os quais: as reformas educacionais dos países desenvolvidos, especialmente Estados Unidos e Inglaterra; as recomendações dos organismos internacionais em especial da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura) ; as ações no âmbito da Organização Mundial do Trabalho (OMC) e, principalmente, o conjunto de ações e programas no âmbito das políticas de educação superior adotadas, especialmente a política de avaliação adotada pelo governo federal, a partir do final dos anos de 1990.

24. A UNESCO, na Conferência Mundial sobre Educação Superior realizada em Paris, em 1998, enfatizava que a cooperação internacional era o principal objetivo do ensino superior ressaltando a necessidade de buscar meios eficazes para contribuir para o fortalecimento do ensino superior e da pesquisa nos países em desenvolvimento como uma forma de reduzir a disparidade que separa os países desenvolvidos dos em desenvolvimento. Destacava ainda que as Instituições de Ensino Superior teriam a responsabilidade social de ajudar no desenvolvimento através de ações de colaboração internacional.
25. A utilização do Acordo Geral de Comércio em Serviços (GAT) no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC) é destacada como um instrumento de efetivação da comercialização da educação superior que não é mais entendida como uma responsabilidade pública, mas como um bem privado que pode ser negociada como uma mercadoria qualquer, em um mundo global onde se situam os alunos, professores e instituições(ALTBACH; CAVALEIRO, 2016; RANIERI, 2004).
26. As reformas educacionais ocorridas nos países desenvolvidos, em especial Estados Unidos e Inglaterra, nos anos de 1980 passam a influenciar nos anos de 1990 , as políticas educacionais dos países em desenvolvimento, as quais, através de um conjunto de políticas e programas tendem a reforçar o papel do Estado na regulação do sistema educacional . (AFONSO, 2000; BONAMINO; FRANCO, 1999; ENGUITA, 1994)
27. Nesse contexto é que se insere a política de avaliação da pós-graduação *stricto sensu* adotada no Brasil, através da Sistemática de Avaliação Trienal CAPES, implantada em 1998, que entre outras modificações institui a internacionalização como indicador de qualidade para avaliar a inserção internacional dos programas de pós-graduação *stricto sensu* que oferecem cursos de doutorado.
- 28.
29. **A INTERNACIONALIZAÇÃO COMO INDICADOR DE QUALIDADE DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU***
- 30.
31. A CAPES é uma agência do governo federal, criada em 1951, que desde a sua criação, teve a sua atuação voltada para diferentes linhas de ação: subsidiar a definição de planos e políticas de desenvolvimento da pós-graduação; formação de recursos de alto nível no país e no exterior; promover a cooperação científica nacional e internacional e atuar na formação de profissionais de magistério para a educação básica.
32. A partir de 1977 passa a ser responsável pela avaliação dos programas e cursos de pós-graduação e em 1998 implanta a Sistemática de Avaliação Trienal dos Programas, visto que a Avaliação de Cursos então utilizada, não permitia mais a discriminação dos melhores e a identificação da excelência dos programas no entender de Horta e Moraes (2005), Vasquez (2002) e Neves (2002).
33. Entre as principais modificações adotadas pela nova sistemática destacam-se: o programa como unidade de avaliação; a adoção de uma escala de 7 pontos para avaliar os programas; a organicidade entre linhas de pesquisa, projetos, estrutura curricular,

- publicações, teses e dissertações; a ênfase na avaliação da produção bibliográfica qualificada e a internacionalização como indicador de qualidade dos programas que oferecem cursos de doutorado.
34. A Avaliação Trienal consiste em um Acompanhamento Anual, realizado nos dois primeiros anos do triênio em avaliação e da avaliação realizada no terceiro ano e o seu resultado é divulgado no ano subsequente ao final do triênio. A partir de 2013 a periodicidade da avaliação será quadrimestral.
 35. A sistemática da Avaliação Trienal ocorre em duas etapas. Na primeira, participam todos os programas de pós-graduação *stricto sensu* das 49 áreas de conhecimento que compõem o Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) e a nota máxima que o programa pode obter é 5. Os programas que oferecem cursos de doutorado e que forem indicados para concorrer às notas 6 e 7 participam da segunda etapa da avaliação que identifica os programas possuem um nível de desempenho altamente diferenciado tendo como referência os demais programas da área e revelam um desempenho equivalente aos dos centros internacionais de excelência na área.
 36. O processo é conduzido por Comissões de Área e o resultado é homologado pelo Conselho Técnico Científico (CTC) da CAPES.
 37. No entender de Bianchetti e Valle (2014), Paula (2012); Moreira (2009); Sguissardi (2008) e Kuenzer e Moraes (2005), a nova sistemática adota uma lógica produtivista e tende a incentivar a competição dos programas dentro de uma mesma área e entre as diferentes áreas do conhecimento, levando à perda da autonomia do trabalho do docente que são pressionados para serem produtivos em termos quantitativos; não contribui para criar a cultura de avaliação no sentido de aprimoramento e desenvolvimento contínuo dos programas e das áreas de conhecimento; utiliza indicadores de qualidade que não tem a mesma relevância para todas as áreas e possibilita a banalização de formas de produção como coautorias e coletâneas
 38. Mais ainda, ela nada nos diz sobre como, com quem e quais as relações que se estabelecem na pesquisa em rede de colaboração; quais as relações e interações que se estabelecem no interior ; quem são os principais elos da rede e como eles se relacionam com os demais, qual o tempo de duração da rede, quais os produtos e serviços gerados, quais os impactos para a sociedade e para o desenvolvimento científico e tecnológico dos países. da rede questões fundamentais conhecer, entender e avaliar as diferentes formas de cooperação internacional que se estabelecem nas diferentes áreas de conhecimento; quais as principais atividades e ações de colaboração dos programas contemplando as diferentes áreas de conhecimento e a natureza administrativa das instituições a que pertencem ; quem são os principais envolvidos e qual posição dos mesmos na rede; quais os critérios e indicadores de avaliação utilizados ; qual a duração da rede; como se dá o financiamento das atividades realizadas em colaboração; quem são os principais envolvidos; quais os eventuais impactos dessa colaboração; para o desenvolvimento científico e tecnológico dos diferentes países, como os resultados dessa colaboração são disponibilizados e divulgados para a comunidade acadêmica, científica e para a sociedade e quais os aspectos que poderiam contribuir para a melhoria e otimização dessas atividades e ações de colaboração.
 39. A seguir apresentam-se algumas considerações sobre a Análise de Redes Sociais (ARS) como recurso metodológico para a avaliação da pesquisa em rede de colaboração.
 - 40.
 41. **A ANÁLISE DE REDES SOCIAIS COMO RECURSO METODOLÓGICOS PARA AVALIAR A PESQUISA EM REDE DE COLABORAÇÃO**

- 42.
43. Os conceitos de redes e de redes sociais implicam em relações entre pessoas e organizações que podem surgir de maneira espontânea e/ou intencional e tem características diferentes de acordo com os diferentes contextos e áreas de conhecimento.
44. Os estudos de redes têm origem no campo da física em 1875. Nos anos de 1950, sociólogos, antropólogos e psicólogos sociais dos Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha passam a se dedicar aos estudos de redes de indivíduos e de grupos sociais. Nos anos de 1960, ganham ênfase os estudos de colaboração científica especialmente a representação gráfica das redes de coautorias e de citações nas diferentes áreas de conhecimento, com a utilização de técnicas bibliométricas e cientométricas. Gradativamente, no âmbito do processo de Globalização e com o desenvolvimento das Novas Tecnologias de Comunicação e Informação, os estudos sobre redes de colaboração passam a incorporar o uso de novas metodologias, entre as quais, a Análise de Redes Sociais (ARS) ou *Research Network Analysis* (RNA), que além de identificar e representar as redes de citações e coautorias permitem conhecer e analisar questões relativas aos domínios da ciência e da produção científica ; os cientistas mais produtivos, as medidas de colaboração entre cientistas nacionais e internacionais; a dinâmica, a intensidade e o ritmo dessas colaborações; o grau de participação dos membros; o tipo de conexões e interconexões que se estabelecem entre os pesquisadores das diferentes áreas de conhecimento.(LEITE ET. AL., 2014 a; SILVA, 2011; MARTELETO, 2010; AGUIAR, 2007; SILVA ET.AL., 2006; BALANCIERI ET.AL. 2005; MOLINA, 2004)
45. As redes de colaboração acadêmica podem ocorrer através de diferentes atividades realizadas em cooperação, por um período determinado de tempo, voltadas para a produção e disseminação do conhecimento envolvendo, pelo menos dois pesquisadores, e podem ter alcance local e/ou regional e/ou nacional e/ou internacional. Entre as diferentes formas de colaboração destaca-se a pesquisa em rede que pode se originar através realização de uma pesquisa em colaboração entre pesquisadores; grupos de pesquisa acadêmicos, programas de pós-graduação, linhas de pesquisa dos programas.
46. Uma rede, enfatiza Molina (2004, p.36), “es un conjunto de relaciones (líneas, vínculos e lazos) entre una serie definida de elementos (nodos). Cada relación equivale a una red diferente.”Os atores, unidades ou elos de uma rede podem ser indivíduos grupos ou organizações que são representadas graficamente por pontos e pelas relações que se estabelecem entre eles.
47. Para Oliveira, Santarem e Santarem Segundo (2009, p. 313), “o conceito de rede social e análise dessas relações tem sido desenvolvido como forma de medir a colaboração científica entre os pesquisadores, instituições e países para visualizar a frente de pesquisa de determinada área. “O campo de aplicação da Análise de Redes Sociais , ressalta Molina (2004) ocorre, de maneira especial, na área de saúde ; de apoio social; em comunidades virtuais e nas redes de colaboração acadêmica De modo semelhante Silva et al. (2006) enfatizam que a Análise de Redes Sociais pode ser utilizada para compreender a estruturação da pesquisa em áreas de conhecimento interdisciplinares.
48. Quanto aos tipos de redes, Portugal (2007) menciona três tipos (íntimos, interação e troca) e três abordagens para a reconstituição de uma rede. A primeira realiza a reconstituição a partir de um contato com todos os elementos da rede. A segunda seleciona um informante privilegiado que irá descrever as relações entre os distintos

membros da rede e, a terceira reconstitui a rede de um determinado elemento da rede, denominado de ego.

49. A análise das redes, de redes sociais destaca Acioli (2007), é realizada através dos gráficos e de análises matemáticas que devem ser utilizadas em conjunto com outros instrumentos de coleta de dados tais como entrevistas, questionários e a observação.
50. Aguiar (2007) destaca que para a análise de redes sociais é de fundamental importância o grau de centralidade ou de horizontalidade, “isto é, a forma como a informação flui entre os nós e os graus de intercomunicação ou interações entre eles...” e que são representados especialmente por quatro metáforas que indicam características diferentes da rede: árvore, malha ou trama; teia e rizoma. A árvore indica que a informação se dissemina através de ramos que partem de uma raiz. A malha ou trama expressa a existência ligações simétricas entre os nós. A teia representa relações que se desenvolvem a partir de um centro irradiador que envia para todos os nós não havendo comunicação direta entre os nós e pressupõe conhecimentos equivalentes entre os nós e o compartilhamento de recursos e objetivos. A multidirecionalidade e a heterogeneidade caracterizam o rizoma, ou seja, não há um ponto gerador a informação pode partir de um nó ou de diferentes nós.
51. Entre os trabalhos identificados alguns chamam atenção de maneira especial pela proximidade com a temática em estudo.
52. A pesquisa realizada por Leite et. al.(2014 a) junto a 25 pesquisadores de excelência, líderes de pesquisa há mais de dez anos nas áreas de Educação, Engenharia de Produção e Física, identificou quatro indicadores para a avaliação das redes de pesquisa e colaboração: atores da rede; posição do líder, divisão do conhecimento e poderes na rede; o alcance da produção e o poder do líder. O trabalho de Aguiar (2007, p. 5) ressalta que na análise de redes sociais são utilizados dados relacionais, de atributos e os relativos aos motivos, significados e tipificação das ações. Os dados relacionais referem-se ao tipo de contato e ligações que se estabelecem entre os elos de uma rede. Os atributos estão associados às qualidades, opiniões e características pessoais dos elos. Os estudos de Miorando (2012), Vanz (2009) e Oliveira, Santarem e Santarem Segundo (2009) e Molina, Munhoz e Domenech (2002), destacam a adequação do uso do software Pajek para representar graficamente as redes de colaboração, pois tem capacidade de trabalhar com um número de dados superior. Acioli (2007) enfatiza que análise de redes e de redes sociais é realizada através dos gráficos e de análises matemáticas que devem ser utilizadas em conjunto com outros instrumentos de coleta de dados tais como entrevistas, questionários e a observação.

53. METODOLOGIA

54. Este estudo tem como objetivo apresentar uma visão sobre como se dá a avaliação da pesquisa em rede de colaboração internacional na pós-graduação *stricto sensu* no Brasil a partir do final dos anos de 1990.
55. Para tanto adotou como procedimentos metodológicos a revisão na literatura e a análise documental dos Documentos de Avaliação da Área de Ciências Sociais Aplicadas utilizados na última Avaliação Trienal CAPES realizada em 2013.
56. A Área de Ciências Sociais Aplicadas é composta pelos programas das áreas de Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo; Arquitetura, Urbanismo e Design; Comunicação e Informação; Direito; Economia; Planejamento Urbano e regional/Demografia e Serviço Social.
57. A área foi escolhida, pois apresenta um crescimento gradativo desde que a Sistemática da Avaliação Trienal CAPES foi implantada e está representada em todas as regiões do país; oferece programas com todas as modalidades de cursos de pós-graduação

(mestrado acadêmico, mestrado profissional e doutorado), os quais pertencem a instituições de diferentes naturezas administrativas (federal, estadual, municipal e particulares)

58. O levantamento bibliográfico foi realizado nas bases eletrônicas da Scielo, da CAPES e os documentos foram pesquisados na base de dados da CAPES.

59. RESULTADOS

60. A análise dos Documentos de Avaliação da Área de Ciências Sociais Aplicadas revelou um conjunto de ações e atividades em colaboração internacional praticadas pelos programas, entre as quais: mobilidade de docentes e discentes para atuarem em atividades científicas no exterior; oferta de disciplinas e cursos diferenciados; oferta de disciplinas em idioma inglês, chinês ou outro; prospecção e atração de estudantes estrangeiros para integrar o quadro discente dos programas; contratação de professores referência internacional para atuarem parte do ano nos programas, entre outras possibilidades; publicação em periódicos editados no exterior; liderar e/ou participar de grupos/redes/projetos de pesquisa com a participação de pesquisadores de diferentes partes do mundo; publicações conjuntas com pesquisadores estrangeiros; participação em eventos/congressos internacionais; participação em comissões organizadoras de eventos internacionais; participar do conselho editorial de periódicos; ter projeto de pesquisa financiado por agência internacional; ser referee em periódicos e/ou eventos internacionais; participar de bancas no exterior; co-tutela ou co-orientação de teses de instituições do exterior, liderar projeto de pesquisa e pesquisa em rede. (CAPES)
61. Esses termos, à exemplo do encontrado na revisão bibliográfica, são utilizados sem uma conceituação e contextualização, para se referir, em alguns casos, a atividades distintas de cooperação internacional, ou ainda a atividades sem que se esclareça o seu significado.
62. A análise dos Documentos de Avaliação dos Programas das diferentes subáreas que compõem a Área de Ciências Sociais Aplicadas permitiu identificar que os documentos mostram diferentes orientações e percepções sobre o significado da internacionalização nas áreas de conhecimentos avaliadas; falta de clareza e/ou explicitação do significado da internacionalização e das atividades realizadas em rede de colaboração internacional; diferentes estágios de desenvolvimento das atividades e ações em rede de colaboração; ausência de critérios, indicadores de qualidade e procedimentos metodológicos para avaliar as atividades realizadas em rede de colaboração.
63. O Documento da Área de Planejamento Urbano e Regional/Demografia, por exemplo, destacava que embora a área reconheça a importância da internacionalização há necessidade de um amadurecimento sobre a internacionalização no interior da área e definir orientações mais gerais.
64. Já o Documento da Área de Economia, entende que a internacionalização de maneira genérica como sendo fundamental para a estratégia de crescimento sustentado da produção da área.
65. O Documento da Área de Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo define a internacionalização através da quantidade de grupos de pesquisa no exterior e da formação em pesquisa e entende que ela será maior quanto maior for o número de grupos de grupos no exterior.
66. O Documento da Área de Serviço Social destaca duas perspectivas atribuindo um significado e contextualizando e delimitando as ações em colaboração. A primeira voltada no sentido de contribuir incentivar a formação de doutores nos países da

América Latina e na África e a segunda através de co-autorias ; parcerias com núcleos de pesquisa e intercambio de pesquisadores “para atuar no campo das políticas sociais e na contribuição do Serviço Social para o debate crítico da sociedade capitalista”

67. Esse conjunto de documentos permitiu observar que as áreas entendem a internacionalização de diferentes maneiras e enfatizam distintas atividades e ações em rede de colaboração. Notou-se ainda, conforme já destacado, que a Área de Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo reconhece a importância dos estudos sobre redes de colaboração, mas que a metodologia para se avaliar um grupo de pesquisa é ainda incipiente.
68. Os dados obtidos podem ser sistematizados em três grupos. O primeiro destaca que a internacionalização precisa ser amadurecida no interior da área e que a mesma deve definir orientações gerais. O segundo entende a internacionalização de maneira genérica e a considera fundamental para obter uma posição de destaque através da produção acadêmica e, o terceiro, enfatiza um trabalho em redes visando contribuir para a solução e encaminhamento de ações comuns no campo das políticas sociais.
69. Esses dados vem de encontro aos resultados obtidos em pesquisa realizada com o apoio do Mackpesquisa em 2015/2016, junto a oito programas de pós-graduação da área de direito que foram classificados com as notas 6 e 7 em 2013, que expressa com nível de desempenho equivalente aos dos grandes centros de excelência internacional. Um dos objetivos da pesquisa foi o identificar e descrever as atividades e ações de internacionalização desses programas, através da análise das Fechas de Avaliação dos Programas. A análise revelou a existência de um conjunto de termos distintos atribuídos às atividades e ações voltadas para a internacionalização dos programas e sinalizou que a avaliação poderia estar induzindo a duas formas de cooperação internacional : uma voltada para uma posição de destaque no mercado educacional e outra voltada para um trabalho em redes visando a solução de problemas comuns e a solidariedade internacional.
70. Essas duas formas de cooperação internacional atribuem significados distintos para as ações e atividades de cooperação na pesquisa e podem estar expressando , como destacam Morosini (2011) e Didriksson (2008), dois modelos que podem ser utilizados para se analisar a internacionalização de sistemas de educação superior : o modelo de cooperação horizontal e o modelo de cooperação vertical. O modelo de cooperação vertical é destacado como sendo o de maior porte e se fundamenta na competitividade e na ocupação de uma posição de destaque no mercado mundial. Já o modelo de cooperação horizontal, que está se desenvolvendo na América Latina e Caribe, e estaria voltado para a criação e otimização das capacidades dos países da América Latina para produzir conhecimentos científicos e tecnológicos e estabelecer uma política de diálogo e intercâmbio, através de projetos conjuntos interinstitucionais apoiados em um trabalho em redes, voltados para uma cultura de solidariedade internacional que respeite as capacidades de cada país.
71. Entende-se que dados expressam alguns dos sentidos que a internacionalização da pesquisa na pós-graduação assume a partir dos anos de 1990.No entanto, eles pouco nos dizem sobre como se estabelecem as redes de relações entre os indivíduos, grupos, programas e países; quais as posições e o papel dos participantes nas redes e quais os seus impactos para a sociedade.

72. CONCLUSÃO

73. Esse estudo de natureza qualitativa e exploratória procurou apresentar uma visão sobre a avaliação da pesquisa em rede de colaboração internacional na pós-graduação *stricto*

sensu no Brasil a partir do final dos anos de 1990. Portanto, os dados apresentados, bem como as considerações realizadas, não tem um caráter conclusivo e genérico.

74. Não obstante, sinalizam a importância de se ampliar a pesquisa em rede de colaboração nesse tema, bem como o seu fomento, e estabelecer uma agenda de trabalhos e pesquisas em rede de colaboração, nesse campo de estudos em construção no Brasil, que além de abordarem as diversas dimensões do tema envolveriam os principais atores (gestores, pesquisadores, docentes, alunos) responsáveis pelo planejamento; fomento; produção e disseminação do conhecimento e avaliação, tanto no âmbito das políticas públicas de educação voltadas para a pós-graduação quanto das políticas de internacionalização das instituições de ensino superior, em especial das universidades.
75. Acredita-se que essa é uma oportunidade e um desafio para que se possa, entre outras questões, buscar articular o planejamento e avaliação da pós-graduação em suas duas dimensões externas e internas e estabelecer um elo entre os objetivos e orientações das Comissões de Avaliação das Áreas de Conhecimento da CAPES, responsáveis pela avaliação externa dos programas e cursos de pós-graduação e as Comissões Próprias de Avaliação responsáveis pela autoavaliação institucional.
76. Dessa forma pode-se entender a internacionalização como um campo social, que embora submetido às leis sociais gerais tem a sua especificidade e autonomia para dispor de autoridade científica como destaca Bourdieu (2003, 1998) e como um processo que integra uma dimensão internacional à pós-graduação e contempla os níveis institucional individual, onde ocorrem o conjunto de estratégias e atividades e o nível setorial e nacional onde se encontram as políticas, recursos, programas e mecanismos de regulação, como ressalta Knigh (2005).

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, S. Redes sociais e teoria social; revendo os fundamentos do conceito. Inf.Inf., Londrina, v.12, n.esp. 2007 Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1784>> Acesso em 22 jul. 2015.
- AFONSO, A. J. **Avaliação educacional**. Regulação e emancipação. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- AGUIAR, S. Redes sociais na internet: desafios à pesquisa. XXX Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Santos, 2007.
- ALTBACH, P.; CAVALEIRO, J. The Internationalization of Higher Education: Motivations and Realities. Journal of Studies in International Education. 2007. Disponível em <<http://jsi.sagepub.com/content/11/3-4/290.short>> Acesso em 17 jul. 2015.
- BALANCIERI, R. et. al. A análise das redes de colaboração científica sob as novas tecnologias de informação e comunicação: um estudo na plataforma Lattes. Ci. Inf. Brasília, v.34.n.1, p.64-77, jan./abr.2005.j
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977
- BIANCHETTI, L.; VALLE, I.R. Produtivismo acadêmico e decorrências às condições de vida/trabalho de pesquisadores brasileiros e europeus. **Ensaio** : Rio de Janeiro, v.22, n.82, p.89-110, jan./mar.2014.
- BRASIL. CAPES. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao>>. Acesso em: 15 out. 2015.
- BRASIL Plano Nacional de Educação. Disponível em: <<http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documento-referencia.pdf> > .Acesso em 20 abr. 2017.

BONAMINO, A.; FRANCO, C. Avaliação e política educacional: o processo de institucionalização do SAEB. **Cadernos de Pesquisa**, n. 108, nov. 1999, p.101-132.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**. Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2003.

DIDRIKSSON, A. et al, Contexto global e regional de la educación superior en América Latina y el Caribe. In: GAZZOLA, A .I.; DIDRIKSSON, A.(Orgs.) **Tendencias de la Educación Superior em América Latina y el Caribe**.Caracas: IESALC-UNESCO, 2008.

ENGUITA, M. F. O discurso da qualidade e a qualidade do discurso. In: GENTILLI, P.; SILVA, T. T. (orgs.). **Neoliberalismo, qualidade total e educação**. Petrópolis: Vozes, 1994.

HORTA, J. S.B.; MORAES, M. C. M.. O sistema CAPES de avaliação da Pós- Graduação: da área de educação à grande área de ciências humanas, **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 30, set/out/nov/dez. 2005.

KNIGHT, J. Um modelo de internacionalización: respuesta a nuevas realidades y retos. In: Wit, H. et al. **Educación superior en América Latina la dimensión internacional**. Bogotá, Colômbia Banco MundialMayol Ediciones, 2005.

KUENZER, A.Z.;MORAES,M.C.M. Temas e tramas na pós-graduação em educação. **Educação e Sociedade**. Vol.26, nº. 3, Campinas, set./dez. 2005.

LEITE, D. Conhecimento em educação; um olhar desde o estudo sobre redes de pesquisa e colaboração ou os sapatos da educação. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, v.19. N. 3, Sorocaba, Nov, 2014

LEITE ET. AL. Avaliação de redes de pesquisa e colaboração. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v.19, n.1, p.291-312, mar. 2014 a.

LEITE ET .AL. Ressearch networks evaluation: indicators of interactive and formative dynamics. **Comun.Inf.** , Goiânia, GO, v.17, n.2, p.23-37, jul./dez..2014 b.

LIMA, M. C. A ideia de universidade subjacente aos programas de avaliação.(Tese de doutorado. Universidade de São Paulo), 2002.

LIMA, M. C.; MARANHÃO, C. M. S. A. O sistema de educação superior mundial; entre a internacionalização ativa e passiva. **Avaliação**, Campinas, Sorocaba, v.14, n. 3. p. 583-610, Nov., 2009.

LONGHI, S.M.; FRANCO, M.E.D.P.; ZANETTINI-RIBEIRO. Redes acadêmicas e suas contribuições: espaços de qualidade na gestão da educação superior. In: LEITE, D.; FERNANDES, C.B. (Orgs.). **Qualidade da educação superior: avaliação e implicações para o futuro da Universidade**. Série Qualidade da educação superior. Observatório da Educação. CAPES/INEP, v.6. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2012.

MARTELETO, R.M. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em ciência da Informação. **Pesq. bras. Ci. Inf.**, Brasília, v.3, n.1, p.27-46, jan/dez.2010.

MIORANDO, B.S. Mapeio das redes de colaboração. In: LEITE, D.; FERNANDES, C.B. (Orgs.). **Qualidade da educação superior: avaliação e implicações para o futuro da Universidade**. Série Qualidade da educação superior. Observatório da Educação. CAPES/INEP, v.6. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2012.

MIURA, I. K. O processo de internacionalização da Universidade de São Paulo um estudo em três áreas de conhecimento. XXXIII Encontro **Enampad**, São Paulo, 2009.

MOCELIN, D.G. Concorrência e alianças entre pesquisadores: reflexões acerca da expansão dos grupos de pesquisa dos anos 1990 aos 2000 no Brasil. **RBPG**, Brasília, v.6, n.11, p.35-64, dez. 2009.

MOLINA, J.L. La ciencia de las redes. **Apuntes de Ciencia e Tecnologia**, n.11, Universidade Autonoma de Barcelona, junio , 2004.

MOLINA, J.L.; MUNHOZ, J.M.; DOMENECH, M. Redes de publicaciones científicas : un análisis de la estructura de coautorias. **REDES**, vol.1. enero, 2002. Disponível em : < http://revista-redes.rediris.es/html-vol1/vol1_3.htm >. Acesso 20 maio 2016.

MOREIRA, A.F.. A cultura da performatividade e a avaliação da pós-graduação em educação no Brasil. *Educação em Revista*. Belo Horizonte.v.25. N°3, p.23-42, dez/2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v25n3/03.pdf>. Acesso em 20 fev,2013.

MOROSINI, M. C. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior: conceitos e práticas. Curitiba: Editora UFPR. **Educar**, n. 28, p. 107-124, 2006.

MOROSINI, M. C. Internacionalização na produção de conhecimento em IES brasileiras: cooperação internacional tradicional e cooperação internacional horizontal. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 93-112. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v27n1/v27n1a05> >. Acesso em: 20 maio 2014.

NEVES, A. B. Depoimentos. **INFOCAPES**, v.10, n.4, out/dez. 2002.

OLIVEIRA, J. F.; AMARAL, N. C. A produção do conhecimento no Brasil e no mundo: financiamento e políticas de ciência, tecnologia e inovação em debate. In: LEITE, D.; LIMA, E. G .S. **Conhecimento, avaliação e redes de colaboração: produção e produtividade na universidade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

OLIVEIRA, E .F. T. O.; SANTAREM, L. G. S. ; SANTAREM SEGUNDO, J. E. Análise das redes de colaboração científica através do estudo de co-autorias , nos cursos de pós-graduação do Brasil no tema tratamento temático da informação. IX Congresso ISKO – Espanha, mar. 2009.

PAULA, M. F. C. Políticas de avaliação da educação superior e trabalho docente; a autonomia universitária em questão. *Universidade e Sociedade*. DF, N°49, jan 2012. Disponível em: <<http://portal.andes.org.br/imprensa/publicacoes/imp-pub1142951595.pdf#page=51>>. Acesso em: 18 jun,2013.

PORTUGAL, S. Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. **Centro de Estudos Sociais**, Oficina n°. 271, Universidade de Coimbra, 2007. Disponível em : <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/271/271.pdf> > . Acesso 20 maio 2016.

RANIERI, N.O que há de novo na internacionalização da educação superior? **Revista da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior**. Brasília, ano 22 N° 33 Disponível em: <<http://www.abmes.org.br/abmes/public/arquivos/publicacoes/Estudos33.pdf> > SBPC . Reunião Regional da SBPC, 2017 <<http://www.jornaldaciencia.org.br/presidente-da-capes-anuncia-edital-para-internacionalizacao-de-universidades-brasileiras/>>

SGUISSARDI, V. A avaliação defensiva no modelo CAPES de avaliação. É possível conciliar a avaliação educativa com processos de regulação e controle do Estado? **Perspectiva**, Florianópolis, v.24, n.1, p.49-89, jan./jun. 2006.

SILVA ET AL. Análise de redes sociais como metodologia de apoio para discussão da interdisciplinaridade na ciência da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v.35, n.1, p.72-93, jan.abr.2006.

SILVA, S. M. F. (Re) Pensar a internacionalização na investigação e no ensino superior (Dissertação de Mestrado Universidade do Minho), 2011.

STALLIVIERI, I. Estratégias de internacionalização das universidades brasileiras. Caxias do Sul; EDUCS, 2004.

UNESCO. Declaração da Conferência Mundial de Ensino Superior no século XXI: visão e ação. Disponível em:<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-a-Educa%C3%A7%C3%A3o/declaracao-mundial-sobre-educacao-superior-no-seculo-xxi-visao-e-acao.html> > Acesso 08, jan.2014.

VANZ, S.A.S. As redes de colaboração científica no Brasil (Doutorado em Ciência da Informação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul . Rio Grande do Sul, 2009.

VASQUEZ, A. A chegada da CAPES. **INFOCAPES**. Brasília: CAPES, v.10, n.4, 2002.

